


Jornadas de Ciência e Tecnologia

Ensino das ciências é um escândalo

Os meios de Comunicação Social e o ensino das ciências nas escolas preparatórias portuguesas estiveram em análise nas Primeiras Jornadas de Ciência e Tecnologia a decorrer em Lisboa.

«É um escândalo» o ensino das ciências nas escolas secundárias portuguesas — esta a ideia defendida no Forum por Vitor Duarte Teodoro, responsável pelo projecto Minerva e especialista da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

No debate sobre o ensino das ciências, no secundário e acesso à Universidade, moderado pelo professor Fraústo da Silva, aquele especialista recordou que, por exemplo, pode-se entrar na Faculdade de Medicina sem ter estudado biologia e química nos últimos anos do secundário.

Escândalos — adiantou — são também a desactivação actual de grande parte dos laboratórios escolares, o excesso de contínuos e falta de pessoal técnico («quando existem contínuos que até são licenciados») e a deficiente formação dos professores («existe uma desorientação completa no âmbito da formação em serviço»).

Vitor Teodoro acrescentou ainda outros escândalos à lista: o «marasmo curricular» e o que chamou «a síndrome do professor e do aluno».

Explicou: «quando o aluno não sabe pergunta ao professor e a reacção do professor é sempre a mesma: ensina». Ora — adiantou — «a função do professor é não só ensinar, é criar condições para que o aluno possa aprender e reflectir».

Fraústo da Silva, presidente do Instituto Nacional de Administração, defendeu a necessidade de «reinventar a escola», não apenas alterando os currículos, mas «repensando a forma de ensinar as matérias».

Fraústo da Silva e os restantes participantes no debate, manifestaram-se contra o que consideram o «modismo dos programas».

A propósito, Fraústo da Silva falou do «carácter incestuoso do nosso ensino». E explicou: «os que conseguem chegar ao fim da licenciatura, como as únicas saídas profissionais são o ensino, sentem-se frustrados e transpõem para os escalões mais baixos em que leccionam as últimas modas que aprenderam».

Quanto ao que considerou «o remendo do 12.º ano», disse «ser altura de fazer um fato novo».

João Pedro da Ponte, especialista em matemática da Fa-

culdade de Ciências de Lisboa, disse que o ensino da matemática nas escolas secundárias «é lamentável» e que os alunos «aprendem pouco e aprendem, sobretudo, a detestar a matemática».

Considerou «inacreditável» que, se obrigue um aluno a calcular a raiz quadrada de um número com várias casas, quando «uma simples máquina de calcular faz a mesma coisa».

De há 15 anos para cá, a matemática — é, em Portugal, uma disciplina «completamente divorciada da realidade e sem interesse prático», considerou.

Maria Salomé Soares Pais, especialista em biologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, disse que o ensino das ciências no secundário «não tem uma sequência lógica», existindo um «pretenso aprofundamento dos problemas» que leva os alunos a esquecer rapidamente a matéria.

Referiu ainda que existe «uma ausência quase total de capacidade de experimentação nos alunos que entram na Universidade, na área da biologia».

OS MEDIA DO FUTURO

«Os media não são encarados na sociedade portuguesa como indústria, mas como instrumento de diversas instâncias do poder», assinala um estudo prospectivo sobre a Comunicação So-

cial apresentado ontem nas Jornadas de Ciência e Tecnologia.

Assinado pelo jornalista Mário Mesquita, este trabalho é uma das contribuições portuguesas para o segundo programa FAST, caracteriza os media em Ciência e Tecnologia), um projecto transnacional instituído pela Comissão das Comunidades Europeias.

«Esta perspectiva instrumental dos media, comum ao sector público e ao sector privado, marca a distinção entre a sociedade portuguesa e as sociedades industriais desenvolvidas, em termos de Comunicação Social», escreve o ex-director do «Diário de Notícias».

O texto de Mário Mesquita constata que essa instrumentalização «não é meramente conjuntural». «Na sua origem — afirma — há motivações económicas, como seja a exiguidade do mercado, mas também históricas e culturais: a prolongada ruptura com as experiências democráticas oitocentistas e do primeiro quartel do séc. XX».

«As debilidades presentes da indústria dos media não auguram um futuro tranquilo, sem crises, nem sobressaltos, mas tão pouco obrigam a prever com pessimismo a perpetuação do ciclo do marasmo, da dependência e da mediocridade cultural», conclui o documento.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação científica - jornadas

JAN	FEV	MAR	ABR	MAY	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

